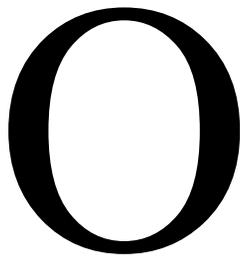


ROSA
EGIPCÍACA:
UMA SANTA
POPULAR E SEU
MATRIMÔNIO
COM O REI
ENCANTADO
E ENCOBERTO
EM UMA
PROFECIA
MESTIÇA

Márcio Honório de Godoy



corpo deste trabalho trata de uma profecia engendrada no cruzamento de séries culturais aparentemente inconciliáveis e na

convivência tensa e intensa entre pessoas que traziam registros de vida os mais diversos. Em um processo de leitura de sua época e do seu lugar, essas pessoas encontraram na experiência mística uma relação comum com a experiência histórica da qual participavam no Brasil colônia, no encantamento proporcionado a algumas sensibilidades que experimentavam o Novo Mundo.

Antes de tudo, para adentrar em material tão controverso como o misticismo profético, porém respeitando o espaço destinado a um artigo, pretendo levantar alguns aspectos que podem contribuir para reconhecermos como se dá a efetuação e a ação da figura do profeta, do visionário em geral, sem deixar de apontar peculiaridades do material específico a ser aqui observado. Não temos o ingênuo propósito de comprovar se a personagem a ser tratada de fato tinha condições de vivenciar suas visões se não houvesse sido apagada da memória oficial ao não ter nem mesmo seu óbito lavrado pela Santa Inquisição. Entretanto, seus procedimentos partem de ações que nos parecem comuns aos que se acreditam portadores de revelações emanadas de esferas divinas. E, de fato, a comunicação do material profético à comunidade da qual participa pode ter a potência – como se verá – de trazer à tona uma forma de pensamento crítico, uma leitura de mundo capaz de sacudir os pilares mantidos pela feroz vigia institucional, mesmo que seja rapidamente silenciada essa estranha voz desejante de se estender e de participar da construção de mundos possíveis.

Claro, as abordagens sobre esse assunto polêmico são muitas. No entanto, no decorrer deste artigo, lanço mão de algumas leituras de autores que nos interessam pelo que trazem de observações a respeito da novidade entregue por percepções trabalhadas em vozes profé-

ticas que ultrapassam a concepção única de mundo oferecida por corpos e vozes oficiais. Portanto, não irei tratar aqui de continuadores de uma fé cristalizada e normatizada por instituições, porém de pessoas e enunciados que, de certa forma, se desviaram desse caminho reto já pavimentado ao passarem por experiência pessoal direta com a tradição de sua comunidade, a qual não deixam de seguir, mas que é afetada com a retina aguçada por outros pontos luminosos, não sem uma aura epifânica que tende ao arrebatamento.

Em primeiro lugar, é preciso rever certos preconceitos, muitas vezes estabelecidos por leituras apressadas a respeito de uma formação da possível *persona* profeta. É comum encontrarmos uma noção sobre o surgimento de um profeta como uma pessoa que recebe uma visão arrebatadora vinda de repente, do nada, sustentada por uma fé inabalável no mistério que nem ela mesma tem a intenção de compreender. No entanto, a história de vida de muitos profetas e visionários nos leva a crer que há, em sua inquietação e perturbação pessoais, a busca por um profundo conhecimento que adquire em leituras, diálogos, práticas com a tradição que segue e persegue. O trajeto que o leva às suas visões e construções proféticas começa com a prática de sua fé na tradição em que está inserido, contudo sem deixar de lado o interesse em compreendê-la por meio da leitura e participação ativa no seio da comunidade que compartilha de suas crenças¹.

Embebidos em toda essa vivência, especiais seguidores de suas confissões apresentam tendências proféticas em processos tradutórios que desenvolvem sobre textos das mais diversas procedências: tanto aqueles contidos em cânones da religiosidade oficial quanto os que se espriam, de modo mais ou menos oculto, de forma mais ou menos aceita, em camadas várias da população, por vezes configurando uma religiosidade popular². A partir daí, o esforço do chamado profeta é de comprometer sua própria vida em *fazer-crer* no que ele entende como revelações.

Contudo, antes de todo possível destinatário de suas profecias, o profeta ainda não

MÁRCIO HONÓRIO DE GODOY é pesquisador do grupo de pesquisas Mídia e Cultura: Barroco e Mestiçagem e do Centro de Estudos da Oralidade da PUC-SP.

1 Sobre essa característica fundamental da constituição das personagens místicas, ver as extraordinárias obras de Gershom Scholem como *A Cabala e Seu Simbolismo* (2009); *Sabatat Tzvi: O Messias Místico* (1995a); ou *As Grandes Correntes da Mística Judaica* (1995b).

2 Estou entendendo religiosidade popular amparado nos apontamentos de Paul Zumthor sobre o tema. Para ele, a religiosidade popular de tradição judaico-cristã é trabalhada em uma oralidade laicizada e se constitui em um processo tradutório que amplia e explode a dureza do significado das palavras da Sagrada Escritura. Elas deixam de ser apenas meio de transmissão de uma doutrina para ganhar a competência de palavra fundadora de uma fé. A “verdade” da religiosidade popular é ligada ao poder vocal, perpetuada por discursos amparados em “retalhos de Evangelhos aprendidos de cor, lembranças de histórias santas, elementos dissociados do credo e do Decálogo, afogados num conjunto móbil de lendas, de fábulas, de receitas, de relatos hagiográficos. Daí pode-se pensar a profundidade em que se inscrevem, no psiquismo individual e coletivo, os valores próprios e o significado latente desta voz” (Zumthor, 1993, pp. 76 e 79). Cf. também a excelente obra de

Vittorio Lanternari, *As Religiões dos Oprimidos. Um Estudo dos Modernos Cultos Messianicos*.

3 Esse termo vem sendo trabalhado por Jerusa Pires Ferreira em seus cursos chamados “Cultura é Memória” desenvolvidos no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Desde 2001, Jerusa nos convida a nos aproximarmos do paradoxo contido na noção de memória do futuro, noção que causa estranheza, pois comumente temos notícias de que a memória nos envia a acontecimentos do que já foi, enquanto essa memória projetiva, do futuro, está vinculada a acontecimentos do porvir. Jerusa dialoga, em sua proposta de leitura sobre essa memória, com as formulações do padre Antonio Vieira contidas já no título do seu texto profético, *História do Futuro*, outro paradoxo que nos deixa perplexos quando estamos acostumados a entender que a história trata de eventos do passado. É interessante, acerca disso, ver o início do livro de Antonio Vieira, que se empenha em nos dar as chaves de leitura para seu livro, que ele pretende como inaugurador de uma nova maneira de tratar das matérias do futuro. Enfim, muitas obras trazidas para a discussão que proponho neste artigo, e mesmo o tratamento que dou ao assunto nele discutido, têm origens nos cursos e em conversas com a amiga e sempre orientadora Jerusa Pires Ferreira no CEO – Centro de Estudos da Oralidade (CEO) e fora dele, como se verá. Em outro sentido, porém

se vê como tal. Em suas especulações sobre uma “memória do futuro”³, característica de textos proféticos messiânicos e apocalípticos que compõem a ancestralidade da religiosidade judaico-cristã, o profeta tem gradualmente sua percepção excitada para a crença de que está acontecendo, no seu presente, a concretização das antevisões dessa memória projetiva.

Através de sinais do seu aqui-agora, o profeta vislumbra a si mesmo como participante de especiais pequenos eventos do seu dia a dia amalgamados a acontecimentos mais dilatados em tempo/espaço descritos nas narrativas de cenas históricas seculares que ele inicia a ler em chave mítica e mística de sua tradição. Nas imagens de fatos previstos para um futuro sem tempo/espaço definidos sugeridas pela tradição religiosa da qual é confesso, percebe esse futuro se aproximando em sinais que entende como sendo revelados a ele em seu presente. Ou seja, os tempos e espaços ainda opacos nos textos proféticos antigos começam a ganhar contornos mais nítidos em sua visão e leitura sobre esses mesmos fatos do mundo por vir.

Finalmente, sua prática tradutória se descola da forma aparentemente estática das profecias pelas quais foi animado, e o novo enunciado profético aparece, com sua face própria de conhecimento antecipado, narrativa dos futuros, visão, profecia. O futuro, antes longínquo, embora previsto, ganha estatuto de revelação no presente daquele que agora se acredita, enfim, uma testemunha e profeta atuante na concretização da memória do futuro da qual foi leitor e passa a ser transcriador em sua proposta de atualização dessa memória. Queremos dizer, com isso, que a efetuação do profeta tem muito a ver com sua capacidade de, a partir desse momento, produzir novidade nessa memória ao traduzir sinais e símbolos ancestrais ainda tidos como encobertos para a humanidade antes de serem revelados a ele. A revelação ainda não é a consumação da cena messiânica e apocalíptica, mas é a indicação de que esses eventos estão cada vez mais próximos quando o profeta constata, em sua travessia sensibilizada por ação tradutória sobre o passado e futuro,

que etapas em direção a eles vão sendo efetuadas no presente do profeta. Nesse processo, o profeta ganha uma clareza e uma fé sobre sua condição e papel social, político, cultural, religioso para poder desenvolver e reelaborar os enunciados proféticos de sua tradição que guardam uma “memória do futuro”.

Não é preciso dizer que a leitura e a “tradução” efetuadas sobre um mesmo texto profético em diferentes momentos e lugares acarretam na criação de enunciados diversos a depender da sensibilidade e da experiência do profeta frente ao tempo e espaço em que atua. No caso a ser discutido aqui, a memória em projeção que vai sendo tecida sugere a chegada de uma nova etapa da humanidade a ser vivida em uma ordem mundial renovada depois de um grande cataclismo que suplantar a ordem secular e a suposta ordem divina mantida por discursos institucionais religiosos. Apenas algumas personagens serão mantidas como testemunhas dos eventos escatológicos de rompimento da linha evolutiva da história secular, e como protagonistas do mistério a vir. O discurso messiânico e apocalíptico baliza essa nova profecia em engendramento que traz fortes tendências características de uma forma catastrófica-utópica de messianismo. As texturas e cores desse quadro inacabado, que é puro movimento de transformação, com tudo o que isso acarreta em termos de destruição, mutação e estranheza, têm recriações desde épocas bem remotas, atravessando a Idade Média com inúmeros exemplos, e ainda apresentam sua face até os dias atuais. Gershom Scholem (1995a, v. 1, p. 9) nos traz uma ideia da potência da lenda messiânica quando estimulada por descargas de energia catastrófica-utópica:

“A lenda messiânica dá vazão a livres fantasias sobre os aspectos catastróficos da redenção. Valendo-se em parte de antigas mitologias e criando, por outro lado, uma mitologia popular própria, essa lenda pinta um quadro de violenta sublevação, de guerras, pragas, carestia, de uma geral apostasia de Deus e sua Lei, de permissividade e heresia. Não existe nenhuma continuidade entre a era presente e

a messiânica; esta última não é o fruto de desenvolvimentos anteriores, sem falar de uma gradual evolução. Sem ser de modo algum o resultado de um processo histórico, a redenção surge das ruínas da história, que entra em colapso no meio das ‘dores de parto’ da era messiânica. A amarga experiência de muitas gerações que provaram o pesado jugo de governos alienígenas e a opressão; e a humilhação aparente não contribuiu para mitigar a violência deste tipo de escatologia, cujas raízes remontam à literatura apocalíptica...”.

Essa voz evocada e berrada em visões proliferantes, à medida que ganha penetração e agita meios até então tranquilizados pela fala mansa entoada com a intenção de apaziguar o ser humano em uma sintonia em frequência de rebanho, abala, como já dissemos, as autoridades religiosas, políticas, enfim, institucionais, principalmente quando promete a participação direta da humanidade no mistério divino, ao prever, finalmente, que a mediação entre Criador e criatura se desfaz para dar lugar a um tempo da própria vivência do mistério por todas as criaturas num mesmo patamar que o Criador.

No Novo Mundo, esses mecanismos, que envolvem a construção de um enunciado profético, ganham contornos peculiares. E são abundantes os exemplos de materiais míticos trazidos do Velho Mundo que aqui foram reelaborados no encontro do “conquistador” com novas paisagens, outros ares, profusão de cheiros e cores, enfim, na convergência com o Outro (Holanda, 2000).

É nesse experienciar que surge uma das profecias mais sintomáticas que provoca a percepção, o sentimento, a sensação de algo diferente começando a se explicitar no Novo Mundo. Essa profecia prevê o matrimônio de uma mulher negra, ex-escrava, ex-prostituta, religiosa fervorosa e vidente, Rosa Egipcíaca, com o rei Dom Sebastião de Portugal, o Desejado e Encoberto, esperado como uma expectativa messiânica de restauração do mundo. O roçar de duas culturas nos indica como um imaginário formado de encaixes de séries culturais diversas tem capacidade de

produzir a novidade. É nesse caminho, a partir de agora, que iremos nos concentrar para perceber a riqueza desses procedimentos tradutórios em chave profética e visionária.

DE UM MATRIMÔNIO PARA A SACRALIZAÇÃO UNIVERSAL DO MUNDO: ROSA EGIPCÍACA E DOM SEBASTIÃO

Nada melhor do que tratar do próprio objeto que traz as fortes pulsações vitais que inserem movimento no devir de uma “memória do futuro”. Essa personagem singular, tão bem reconstituída biograficamente pelo pesquisador Luiz Mott, em sua obra *Rosa Egipcíaca, uma Santa Africana no Brasil*, só pôde receber algum tratamento histórico por meio de documentos de um processo da Santa Inquisição encontrados por Mott, em 1983, na Torre do Tombo, em Portugal. As visões e profecias que estaremos abordando aqui são todas constantes do livro de Mott (1993), talvez o único estudo realizado com mais profundidade sobre o assunto⁴. O intenso vigor de Mott ao tratar de Rosa Egipcíaca nos dá um cenário bastante vivo e rico para podermos entrar em consonância com seu texto e partilhar um dos capítulos mais instigantes da vida de sua biografada: o matrimônio visionado por ela com Dom Sebastião.

Rosa Egipcíaca ganhou grande relevo como vidente respeitabilíssima, contando com o apoio de um aliado estrategicamente disposto a auxiliar no *fazer-criar* das revelações que acreditava ter recebido em experiências místicas. Todo um esforço direcionado a esse *fazer-criar* inicial é dispensado em impressionantes espetacularizações, quando Rosa desfilava e se apresentava em público para seus devotos. Assim nos conta Luiz Mott sobre os engenhos de convencimento trabalhados pelo capelão exorcista Francisco Gonçalves Lopes, ex-dono da Egipcíaca, que, de algum modo, viu poderes extraordinários na vidente:

“A grandiloquência do seu imaginário místico, nesta época, reflete a exaltada veneração

complementar ao especificado acima, não posso deixar de explicitar a importância das discussões sobre barroco e mestiçagem que acontecem no Grupo Barroco e Mestiçagem coordenado por José Amalio Branco Pinheiro, também na PUC-SP. A literatura que se refere a esse campo de articulação de ideias está totalmente vinculada às sugestões e discussões que se estabelecem nas reuniões desse grupo.

4 Para maior comodidade do leitor, cada profecia e visão de Rosa citada neste trabalho trará a página da qual foi retirada do livro de Luiz Mott.

5 "O citado padre Francisco de Sempenhará, a partir deste encontro fortuito, papel fundamental na vida de Rosa: será seu anjo da guarda. Este velho presbítero, então com 54 anos, lhe fará os primeiros exorcismos, será seu introdutor no caminho da santidade, seu primeiro devoto e confessor. Será também seu proprietário e lhe dará a carta de alforria. Mais tarde, no Rio de Janeiro, há de ser o capelão do recolhimento da Madre Rosa e o grande divulgador de seus poderes e predestinação celestial" (Mott, 1993, p. 54).

6 Também ex-prostituta, Maria Egipcíaca recebeu tratamento de santa ao se afastar da humanidade. Por volta de 270, ano do Senhor, passou 47 anos no deserto e conseguiu a salvação por meio de uma vida penitente, casta, humilde e frugal. Adoradora da Santa Cruz, encontrou-se com um abade chamado Zózimo, que procurava, no deserto, por um santo eremita. Achou-o, sem duvidar por um instante, desde as primeiras palavras e gestos, na pessoa de Maria Egipcíaca. Ver com maiores detalhes sobre a vida de Maria Egipcíaca a *Legenda Áurea: Vidas de Santos*, de Jacopo Varazze (2003, pp. 352-4).

7 Ataques epiléticos e outras manifestações nervosas foram interpretadas desde Hipócrates e do Código de Hamurabi, até recentemente, como manifestação sobrenatural, quer das forças do bem, quer dos espíritos malignos: de qualquer forma, eram vistos como doenças sagradas.

de que estava sendo alvo após seu retorno ao seu 'Sacro Colégio', adorada, ao vivo ou em estampa, como a nova redentora do gênero humano, incensada de joelhos pelo capelão que, orgulhoso, carregava dependurada no pescoço portentosa relíquia: um dente de sua ex-escrava" (p. 546).

As práticas de convencimento e a apresentação da imagem de Rosa Egipcíaca como uma santa são realizadas através do espetáculo que presentifica o "objeto" de adoração. Gestual inflamado, estampas de Rosa como santa, êxtase ritualístico e até mesmo uma relíquia, um pedaço do corpo da santa viva, um dente dependurado no pescoço do padre capelão português e exibido em exaltação de sua protegida e protetora, fazem-nos lembrar das grandes romarias e encontros de fiéis para homenagear ou pedir graças a santos e santas venerados. E foi o dito padre grande promotor dos fascinantes desfiles que levavam algo inusitado: a santa em carne e osso, viva e presente para os fiéis ávidos por indulgências e graças. Rosa passou a ser adorada como personalidade portadora de carisma que a elevou à condição de santa popular em sua época.

É significativa a presença do padre capelão Francisco Gonçalves Lopes, organizador dos espetáculos santificadores de sua protegida e protetora. O sacerdote, muito conhecido em Minas Gerais, onde teve os primeiros contatos⁵ com Rosa, levava a alcunha de Xota-Diabos devido à sua eloquente, enérgica e impressionante maneira de, aos berros e com gestos ameaçadores, exorcizar demônios nas regiões onde exerceu sacerdócio. O padre será, no decorrer do contato com Rosa, um dos maiores transmissores de elementos apocalípticos incorporados ao imaginário contido nas visões de sua ex-escrava.

É evidente seu papel como contribuidor da apresentação a Rosa Egipcíaca de um *corpus* temático vinculado à tradição judaico-cristã, porém não tão ortodoxo, que trazia matéria impressionante de estímulos sensitivos em que sagrado e profano fazem parte da mesma experiência, como esconjuros, exem-

plos de vidas de santos, visões da presença do céu e do inferno na terra. Até mesmo o sobrenome dado por ele a Rosa, a Egipcíaca, irá trazê-la ao rol dos personagens santificados, adequando sua condição bastante "mundana" de ex-escrava e ex-praticante do meretrício às graças da conversão e beatificação em uma vida penitente. Egipcíaca é uma alusão a Maria Egipcíaca, mulher da vida que se apaixonou pelo cristianismo e tornou-se santa muito bem conhecida e respeitada da hagiografia medieval⁶. Rosa também foi uma prostituta como Maria Egipcíaca e, depois de ter se enamorado das festas, procissões, liturgias, personagens da religião católica, chegou a fundar um convento que abrigava mulheres enjeitadas pela sociedade, em especial madalenas arrependidas como ela.

Não poderíamos deixar de abrir o parêntese acima, já que essa condição representa um dos esforços de santificação de Rosa, ainda em vida, como circunstância notável de persuasão se imaginarmos que, naquela época, e até mesmo hoje, uma pessoa negra, ex-escrava, ex-prostituta, mulher, sofredora de frequentes ataques epiléticos⁷, não tinha muitas vantagens a seu favor para conseguir qualquer destaque que fosse perante a sociedade. No entanto, sua fama e reconhecimento se estenderam entre a população do Rio de Janeiro, inclusive nos meios eclesiásticos.

Durante anos conturbados de sua vida como escrava ou já alforriada, em meio à população ou em exílios forçados em fazendas de amigos e casas sacerdotais, trafegou entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Com isso ganhou possibilidade de estar em contato com as mais variadas experiências. Não se deixava paralisar diante das dificuldades e aproveitava sua presença em diversos lugares, mesmo que em condições adversas. E entre seus maiores interesses estava a visita a igrejas, em qualquer rincão palmilhado por ela de Minas e Rio, ficando admirada e arrebatada pela riqueza das formas, pinturas e esculturas de imagens barrocas. E não eram poucos os exemplos da exuberância barroca, em se tratando de Rio de Janeiro e Minas Gerais, principalmente Minas, é claro, por onde

ela passou. Basta, como pequeno exemplo, citarmos a proliferação iconográfica estudada em vários trabalhos sobre a decoração da arte barroca em igrejas mineiras:

“A profusão decorativa no barroco mineiro provoca tal impacto visual que, num primeiro olhar, é impossível captar os inúmeros temas contidos em suas variadas imagens. É necessário um segundo olhar, mais vagaroso, que se detenha nos detalhes, nos variados símbolos, signos e sinais que se sobrepõem e que somados têm a função específica de retratar da melhor maneira possível as histórias piedosas, que como capítulos isolados ou seriados cumprem o papel de, ao mesmo tempo, decorar os templos e conferir dramaticidade à mensagem católica” (Ávila, 1997, p. 491)⁸.

A sensibilidade de Rosa, como veremos, era bem afeita aos impactos provocados pela variedade de imagens dessas igrejas. E, indo mais além, impressionava-se com todo o ritual litúrgico, embrenhando-se de tal forma na combinação de imagens, sons de hinários e pregações em latim, cheiros de incensários, esfumaçando e dando maior ar onírico ao quadro proporcionado em algumas ocasiões especiais pela igreja da época, que chegava a êxtases deslumbrantes, desembocando em desmaios profundos, imprimindo ainda mais as visões místicas que começaria a receber.

Em favor de suas visões, é necessário ressaltar, ainda, a troca de concepções religiosas e do mundo que teve com pessoas que a auxiliaram em sua curiosidade mística. Muitos deles eram amigos do já citado padre Xota-Demônios. Mais longe ainda foi Rosa ao se emaranhar em textos da Sagrada Escritura, tanto do Velho como do Novo Testamento, sempre enviesando um olhar conduzido pelo seu contexto e situação social e histórica que daria em leituras surpreendentes, como se verá.

Como se pode notar, Rosa recebeu a contribuição de todos esses textos da cultura, símbolos e signos, que compareceram em suas visões proféticas apocalípticas. Por elaborar leituras novas sobre a matéria

tradicional judaico-cristã, evidentemente, feriu muitos dos dogmas da própria Igreja, terminando julgada e condenada pela Santa Inquisição.

Foi em 1760 que o imaginário místico de Rosa Egipcíaca desabrochou, com mais intensidade, em uma visão iniciática⁹ repleta de detalhes imagéticos. Esse sonho/visão daria passo largo para a definitiva legitimação e prestígio entre seus fiéis como prova de sua “eleição” para um acontecimento posteriormente revelado.

Mas não devemos nos precipitar, porque esse verdadeiro caminho iniciático da Egipcíaca foi importante para o desenrolar da intensidade simbólica de imagens desenhadas nos quadros dinâmicos compostos em seus sonhos. Corroborando isso, entram em jogo as transformações profundas manifestadas nas cenas cristãs paradigmáticas que visitaram e estimularam processos cognitivos da nossa vidente. Ao mesmo tempo em que Egipcíaca experimenta um estágio de cognição, leituras revolucionárias e reveladoras incitam, mais além ainda, suas ações. Ela passa da contemplação para a entrada em cena, de corpo e alma, em caminho missionário com alto grau de responsabilidade ativa.

No sonho/visão iniciático de Rosa, tempos se cruzam, o passado se torna presente, e ela poderá atuar, como protagonista, em um dos maiores capítulos da mística sagrada cristã: a Santa Ceia, a despedida de Cristo do mundo e dos seus principais, a repartição do pão e do vinho transubstanciados em carne e sangue do Filho de Deus, amplificados e eternizados no sacramento central da Igreja, o Eucarístico. Mas a Egipcíaca irá ser introduzida e como que interromperá esse evento fundamental do cristianismo, em seu sonho, para receber a incumbência de preparar a tão esperada parúsia. Vejamos a sequência onírica iniciática de extraordinária visualidade:

“Estando ela, ré, na Igreja de Santa Rita ouvindo missa no altar de Santana, lhe disse uma voz que a ouvisse no altar de São Miguel, aonde não havia (celebrante) e repentinamente deu seu corpo uma volta para o dito

8 Se houver interesse sobre o assunto, ver toda a parte V, “Do Barroco Mineiro”, do referente livro.

9 É bom termos em conta a importância da visão iniciática tanto em sonhos de tribos ditas primitivas, quanto em xamãs e em outros tipos de manifestações visionárias já na ordem das religiões monoteístas. “Os sonhos e visões de fundação social-religiosa são pontos de partida para intensas viragens religiosas, culturais, sociais, políticas de inteiros grupos tribais, nacionais ou mesmo supranacionais[...]. Nos profetas de ramo monoteísta – mosaísmo, judaísmo, cristianismo, islamismo –, as aparições concentram-se em Deus, em Jesus, nos anjos e santos [...]”. Ver sobre esse assunto, com mais largueza e detalhes, o verbete “Sonho/Visão”, da *Enciclopédia Einaudi* (1995, v. 30, Religião-Rito).

altar, para onde viu logo missa. Chegando ao ofertório, sentiu um grande abalo no seu interior e neste tempo se achou de joelhos às portas de uma grande sala ornada com um cortinado encarnado, e, no meio dela, uma mesa coberta com um pano verde à roda da qual estavam doze pessoas vestidas de túnicas rosas e, no topo das mesmas, outra (figura) com capa de asperges de seda branca bordada de ouro. E, sobre a mesa, uma salva e uma pessoa vestida de hábito franciscano que parecia ser mulher, porque tinha uma toalha na cabeça. E do alto da casa desceu um mancebo vestido de anjo e, tirando da salva um rosário, disse, benzendo-se: *‘Deus in adiutorium meum intende’* [Deus, vinde em nosso auxílio], e a dita mulher respondeu: *‘Deus in adiutorium me festina, Gloria Patri’* [Deus, vinde em nosso auxílio..., Glória ao Pai] [sic]. E no fim do que, continuou a dizer: ‘Santíssima Trindade, Deus Trino em pessoa, eu vos dou o meu coração, vos dou a minha alma’. E a dita mulher com o mancebo foram rezando pelas contas, alternadamente, o Credo no lugar dos Padre-nossos e das Ave-marias. E dizia ele: *‘Pater de coelis Deus’* [Pai que estais no Céu], e ela respondia: *‘Miserere mei’* [Tende piedade de mim]. E por este modo e com diferentes orações passaram as ditas contas, que, acabadas de rezar, as pôs o mancebo na cabeça e, pondo-as na salva, desapareceu com a mesma salva. E considerando ela, ré, que lugar seria aquele em que se achava, lhe disse uma voz que era o cenáculo do amor, e, cobrindo-se a cara com um pano branco, ela, ré, se achou na dita igreja a tempo que já se queriam fechar as portas, e se foi ela, ré, para casa” (pp. 546-7).

Muitas Santas Ceias vistas em afrescos e pinturas de forros e paredes de igrejas barrocas visitadas por Rosa vibram seus detalhes, que vão se encaixando na formação dinâmica do quadro onírico da santa popular do Rio de Janeiro. Dobras das vestimentas e dos tecidos geram, ao mesmo tempo, robustez e leveza, dando movimento à cena composta. Outros detalhes também frequentam a descrição, aproximando sensações de canais oníricos

ao toque concreto, partindo da visão e quase percebendo a tatilidade da cena. Somos incitados a estender a mão à visão e sentir texturas diversas e cores vivas doadas pelas sedas brancas e minúcias bordadas a ouro, panos esmeraldas e encarnados, utensílios metálicos litúrgicos. E não poderia faltar um mancebo anjo, figura da anunciação – mas também presença do palco iconográfico barroco para auxiliar os outros atores da composição cênica –, descendo lépido para oferecer o rosário e instruir a Egipcíaca na repetição do credo em lugar dos Padre-nossos e Ave-marias, subvertendo a ordem do rosário, mas prestando reverência ao grupo de apóstolos visionado ao lado do Cristo, que precisava da certeza de que ela cria no que estava vendo.

Rosa está dentro e fora da cena. É atraída por uma voz que a leva ao ofertório e ajoelha-se, depois de um abalo repentino, diante das portas de uma grande sala, da Santa Ceia transportada. Depois pode ver-se de hábito franciscano e toalha na cabeça, participando daquele rosário eucarístico. Funde-se e confunde-se com o episódio onírico.

A sensibilidade da Egipcíaca faz transbordar detalhes de toda a exuberante iconografia barroca da qual bebeu e, certamente, se embriagou. Tudo é esplendoroso e abundante num pequeno espaço territorial e de tempo que se abre epifanicamente, em deslumbramento, de modo paralelo ao tempo/espaço corriqueiro. E o episódio da Santa Ceia, no qual participa em sonho, carrega substratos que irão nortear suas visões posteriores.

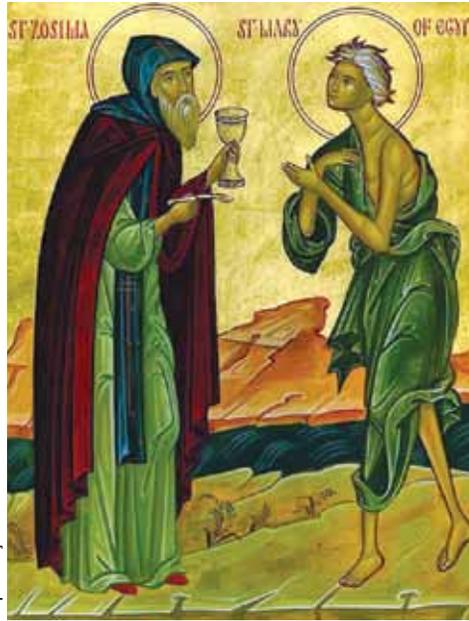
Já estão contidos, na narrativa da Santa Ceia, em seu mistério eucarístico, além da ideia de transubstanciação do corpo e sangue de Cristo já citada mais acima, elementos da antiga e nova aliança do homem com Deus, na comunhão de vida com Jesus em seu corpo místico. A ceia eucarística representa e comunica o dinamismo da vida de Cristo. Há uma perspectiva escatológica combinada a uma anamnese que faz simultaneamente memória da morte e ressurreição de Cristo e memória de sua parúsia¹⁰. Dá para intuirmos a forte carga missionária a ser carregada por Rosa quando inicia-

10 Verbete “Eucaristia”, em Lacoste (2004).

da, em sonho, num momento apoteótico e dogma central da Igreja. Magnífica e ousada revelação, tanto como perigosa e letal para a integridade física e moral do sujeito que crê ter recebido tão altos desígnios.

Mas o que contou, de fato, foi a sensação de plenitude logo que foi acordada para se retirar da igreja onde havia desfrutado de um cochilo magistral. O edifício católico continuou em seu tempo/espaço cotidiano e, desse modo, por motivo do horário avançado, necessitava fechar suas portas. No entanto, Rosa ainda prolongava sua experiência, em vigília, mas com resquícios das sensações visionadas. Voltou para casa irradiada pela luminosa cena em que participara e com alegria incomensurável. Tanto é assim que a dose foi repetida no dia seguinte, em necessidade de afirmar sua eleição e o entendimento do episódio do dia anterior.

“Disse mais, que, na manhã do dia seguinte, lhe perguntou uma voz se cria [em] tudo o que crê e ensina a Santa Madre Igreja e se por ela protestava viver e morrer, e se tinha visto e entendido o Rosário que no dia antecedente ouvira rezar, e que era rogativo, e que ela o havia também de rezar oferecendo o primeiro terço a Deus Padre, dizendo: Rogo-vos, Senhor, em memória daqueles quarenta anos que trouxestes pelo deserto vosso povo amado, dando-lhe por sustento o maná, em memória do altíssimo mistério do Santíssimo Sacramento [da Eucaristia] que havéis de instituir na lei da graça pela fonte perene de água de vossa misericórdia com que acompanhastes de dia e de noite com a ardente coluna de fogo da vossa caridade. Rogo-vos, Senhor, que desterreis [destruais?] do Egito os ídolos falsos, cismas, idolatria, todos os infieis, gentios, mouros, turcos, judeus, e os tragais ao vosso verdadeiro conhecimento. O segundo terço [será] em memória dos quarenta dias em que Deus Filho jejuou no deserto, rogando em memória deste benefício pela conservação da piedade católica da cristandade e pela pureza do feliz estado eclesiástico. O terceiro terço [será] em memória dos quarenta dias



Reprodução

Abade Zósimo e Maria Egípcíaca, santa frequente na hagiografia medieval da qual o padre capelão Francisco Gonçalves Lopes emprestou o sobrenome para rebatizar sua protegida Rosa

em que Deus Nosso Senhor, depois de sua gloriosa ressurreição, esteve sobre a terra até a sua ascensão, que mandou o Espírito Santo [...]. E perguntando ela, ré, a significação das contas que vira e das pessoas que estavam na sobredita mesa, lhe respondeu a dita voz que eram os apóstolos e o sumo sacerdote, o Senhor da Divina Providência, e que a criatura que estava sobre a mesa com figura de mulher, a seu tempo, saberia quem era. E ela, ré, ficou confundida, imaginando o que seria aquilo, metida no seu nada” (pp. 547-8).

Podemos conjecturar que a voz escutada por Rosa indica um rito a ser cumprido pela escolhida. Um rito iniciático e, ao mesmo tempo, de comprometimento definitivo com a missão a ser revelada. Luiz Mott chama-nos a atenção para o alto grau de cultura religiosa da ex-escrava africana, tanto no que se refere ao Novo Testamento como ao Antigo. O número quarenta a ser evocado em cada terço rezado recorda capítulos dos textos sagrados bíblicos, perpassando momentos de fé e confirmação da crença na presença de Deus em momentos críticos: travessia do deserto pelo povo amado de Deus libertando-se do Egito; jejum de Cristo no deserto; presença de Cristo e do Espírito Santo na terra, por quarenta dias após a ressurreição, continuando

a infundir a fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo inspirador. Em todas essas sequências está explícita a antiga e nova aliança com Deus. Em processo está ainda a aliança definitiva com o Pai, que Rosa e Dom Sebastião iriam proporcionar à humanidade nas visões posteriores da Egípcia.

Rosa é colocada, dessa maneira, como herdeira da continuidade dessa tradição. Como era de esperar, não poderia ter ainda a ciência do significado do conjunto de cenas evocado e ritualizado na reza dos três terços. Embora conhecesse muito bem as tradicionais passagens, caiu em um nada confuso, em uma crise pré “decifratória”, sem compreender a novidade ainda por vir. Todavia, foi rápida a sucessão de sonhos e visões que teve logo depois do momento inciativo pelo qual passou. E logo poderá, gradualmente, vislumbrar os desígnios aos quais deveria cumprir, o que lhe proporcionou cada vez mais seu caráter singular dentre os mortais. A santa negra, africana, ex-escrava, ex-prostituta, passará a ser peça fundamental no futuro da humanidade.

* * *

Uma de suas principais recorrências visionárias relacionava-se a uma narração sua como anunciadora de um novo dilúvio universal, na qual aparece, pela primeira vez, a promessa da volta messiânica de Dom Sebastião. Eis a profecia da qual a Egípcia é porta-voz, em 25 de junho de 1760:

“Na segunda-feira, oitavo dia da novena, estando esta minha filha rezando o Ofício Parvo (de Nossa Senhora) junto com a que estava presa na cela (Irmã do Coração de Maria), que são companheiras, diz ela que estando considerando a rara humildade como a Senhora se prostrou quando o anjo anunciou a encarnação do Divino Verbo, que logo lhe comunicaram no entendimento dizendo: ‘Diz a sua Mãe e Mestra que aqueles brados que ouviu ontem em Leandra (uma das irmãs do convento em que ficava Rosa Egípcia), que são os brados que há de dar o povo das Minas, e que aquele rio de justiça que está debaixo daquele monte de piedade é que os

há de destruir, o qual rio está para se soltar e há de destruir e arrasar a maior parte das Minas. Todos os montes hão de cair. E que essa é a manga de água que lá viste vir das Minas, que o Senhor te mostrou dentro dela muitos corpos, porque há de ser um dilúvio que nunca se viu outro em todo o mundo, e que esta é a enchente que aquela criatura de palácio contou a teu padre confessor, que o Senhor lhe mostrou junto com o sonho que é porque esse dilúvio há de vir dar o mar derrubando todos esses montes e unir-se com esse mar salgado que vês defronte do palácio e que todos os rios se hão de soltar e o mar há de sair fora dos seus limites, ficando toda a cidade dentro das suas entranhas. A coluna se há de ter retirado para a fazenda a qual o Senhor tem determinado que é a fazenda da Sagrada Família que desta cidade está desviada. A coluna é tua Mãe e Mestra. Dize-lhe que faça aviso a Pedro Róis e lhe mande dizer que quando ele vir dentro de sua casa a horas mortas alumiar o sol como dia, que se desterre das Minas e que venha para a seguir e fazer viagem e fazer-lhe companhia. E que mande dizer ao Padre João Ferreira de Carvalho, que quando a horas mortas dentro da sua casa clarear a lua como dia, sem ser tempo de luar, que se prepare e disponha que a hora é chegada das destruições das Minas, e que Deus o manda avisar e que fará deste aviso diante ao Padre Manuel Pinto e a seu companheiro. E que Pedro Róis (Arvelos) faça ciente a José Alves e a Dona Escolástica para que se preparem. [...]. E que quando vir aparecer uma estrela no céu muito resplandecente, deitando de si muitos raios, e desta estrela hão de aparecer lanças do sol afora e vir a horas mortas um tropel grandioso como de besta, que todo o povo das Minas se prepare, porque está chegando o número dez, que são os dez mandamentos quebrantados e que mande dizer também a Pedro Róis que o *Encoberto* está para se descobrir e que ele cedo há de vir, que o mundo há de se reformar e que todos os maus se hão de destruir, e que este memorial o mandará dentro de uma carta fechada e que lhe mandará dizer que este aviso o poderá mostrar a várias pessoas,

mas não dizendo quem lhe mandou. E se esta Coluna da cidade se ausentar, é porque o povo a palavra de Deus não quer aceitar e deste aviso não hão de dizer como costumam a dizerem[...]. E que assim que ouvira esta comunicação, entrara em tormenta a fazer várias protestações dos artigos de nossa santa fé católica e quanto mais protestava, mais lhe comunicavam e se lhe dizia que desse parte à sua Mãe e Mestra” (pp. 550-1 – grifos meus).

O anúncio do dilúvio devastador, enredado em imagens apocalípticas, tem procedência de um relato há muito difundido pelo padre Xota-Demônios. Com o tempo revelou, na mesma dramaticidade dos seus exorcismos, o acontecimento a Egipcíaca, que reparava na proximidade do evento.

Vários nomes de pessoas, com certo destaque no círculo social da época em Minas Gerais e Rio de Janeiro, são aventados como merecedores de salvação do futuro dilúvio, e como partícipes das previsões de Rosa. A presença desses nomes nos dá uma ideia das relações que a visionária tinha até mesmo com personalidades da alta sociedade.

O destaque dado ao aparecimento do rei Encoberto, como salvador, mostra que havia uma certa circulação, no Brasil, da crença na volta de Dom Sebastião. A mensagem da volta do Encoberto deveria ser confiada primeiramente a Pedro Róis Arvelos, sobrinho e compadre do padre exorcista Francisco, ex-senhor e protetor de Rosa Egipcíaca. Pedro Róis era um português proprietário de terras próximas a São João Del Rei, Minas Gerais. Em uma ocasião, a vidente se hospedou na propriedade de Pedro Róis, e com ele travou conhecimentos acerca de concepções místicas e sobre as visões que já acometiam Rosa.

Certamente Pedro Róis conhecia a história de Dom Sebastião. Citar Pedro Róis, dando ênfase na comunicação a ele sobre a proximidade da volta do Encoberto, nos dá pistas sobre seu papel como transmissor do mito do rei Encoberto a Rosa Egipcíaca. Achou interessante fazer uma explanação sobre ele a uma visionária que tratava de uma revelação apocalíptica, relacionada à

destruição e posterior salvação do mundo. Essas são pistas de como encaixes de materiais diversos começam a concorrer para a construção de uma profecia através de uma personalidade como Rosa, que estaria exposta e aberta a diálogos externos com seus possíveis destinatários. Com esses diálogos começam a dar-se a reelaboração de material mítico ancestral e a manipulação, no caso aqui presente, de tradições judaico-cristãs.

Em 1754, Rosa havia fundado um sacro colégio, chamado Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, no Rio de Janeiro. Esse sacro colégio acolhia ex-prostitutas e mulheres desprovidas de qualquer posse, como já foi referido por nós anteriormente. Todas perambulavam sem ter rumo certo na sociedade da época. Mas o norte dessas senhoras de “caminhos tortos” estava prometido de modo excepcional na primeira revelação do desencadear do dilúvio:

“Por se guardar no Recolhimento do Parto uma prenda preciosíssima – da sua mestra e fundadora – Deus destinara grandes coisas a este sacro colégio, havendo de ser venerado e ter as mesmas indulgências que as casas santas de Jerusalém e as igrejas de Roma e de Santiago de Compostela, e que em breve seria venerado por reis e imperadores, tornando-se o maior e mais magnífico de todos os conventos do Reino de Portugal” (p. 565).

Eis um dos principais sinais de um discurso heresiarca aos olhos da Igreja Católica. O orgulho e a ousadia dessas profecias teriam tomado conta da vidente e mexiam com os brios, não só da Igreja oficial, como também da metrópole. Portugal perderia nada mais nada menos que a primazia de ter um convento tão sagrado quanto o qual apontava a Egipcíaca que, além de tudo, estava instalado na colônia, no Brasil, e era composto por “mulheres perdidas”. Pensaram, evidentemente, já ir longe demais aqueles ataques visionários até então vistos como inocentes e, de certo modo, inofensivos.

E o que dizer então do deslocamento dos espaços sagrados na Terra promovido pela

Dom Sebastião, o Encoberto, rei português que desapareceu em batalha contra mouros em Alcácer Quibir, Marrocos, em 1578, dando origem a uma crença messiânica amparada na espera do seu possível glorioso retorno



Reprodução

visão de Rosa? Ultrapassando um centro único guardado e sob o poder da Igreja Católica, no qual tudo estaria ligado, e do qual tudo emanaria, e que era representado institucionalmente pelas casas santas de Jerusalém, pelas igrejas de Roma e de Santiago de Compostela, o convento do Recolhimento do Parto torna-se, na promessa feita a Rosa em suas visões, a principal região preparada para a nova aliança da humanidade com Deus.

Como isso não bastasse ainda, a ex-escrava leva a profecia mais longe, promovendo um abalo ainda maior nas concepções teológicas da Igreja oficial e, conseqüentemente, na ditadura acerca de sua importância como centro do universo. Assim, em uma segunda revelação, a visionária aponta “Que no próximo dilúvio, o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto seria a arca de Noé onde o Verbo Divino ia se encarnar numa criatura e estabelecer um mundo mais perfeito que o presente”(p. 566).

Então devemos ir por partes. Muitas são as novidades do discurso de Rosa levadas como rebeldias e loucuras provindas das artimanhas demoníacas, passíveis de castigos a serem executados pela “ordeira” e “pia” Igreja Católica daquele momento delicado.

Em primeiro, Rosa escandaliza o Tribunal do Santo Ofício, ávido por manter os cristãos em reta conduta, de acordo com seus

dogmas. A vidente toca, sem nenhum pudor, na crença mais basilar de todo o cristianismo aos olhos do “bom” seguidor das doutrinas cristocêntricas. A parúsia, tão aguardada por todos os cristãos, finalmente ganhava data e local para seu acontecimento, num arroubo visionário. A data estava próxima, o local se mostrava sem fixidez, provocador da vertigem de não se ter a exatidão territorial da volta de Cristo à Terra, já que isso se daria numa espécie de nau que perambulava sobre as águas do dilúvio. Como se não fosse suficiente essa falta de rumo, a possível nau, onde renasceria o Verbo Divino, não apresenta relação alguma com os territórios favorecidos pela Igreja Católica ou pela metrópole para que se desse tal evento.

O Recolhimento de Nossa Senhora do Parto transformado em uma espécie de Arca de Noé, singrando por um globo terrestre recoberto pelas águas, acaba por indicar pessoas escolhidas e preservadas para a construção de um novo mundo em vista que o presente é destituído, depois do grande dilúvio, de todas as marcas da civilização e da história da humanidade, quando a primazia de lugares santos sustentados pelos poderes hegemônicos da Igreja e do Estado também é apagada. A profecia sugere que o Cristo redivivo, centro do universo cristão, surgirá à deriva, contra toda e qualquer delimitação de um ponto privilegiado escolhido *a priori* pelas leis e tradições seculares.

A natureza da visão da Egipcíaca aos poucos perfaz uma retórica que condiz com um princípio de uma topologia barroca. É interessante observar que essa nova topologia, sem centro hierarquizante de poder, já fora percebida em outra chave, em outra linguagem, em outro modo de sentir e saber, pelo astrônomo Johannes Kepler, no ano de 1596, durante suas observações sobre o trajeto que Marte descreve em torno do Sol; um trajeto elíptico e não circular, como se acreditava. E Kepler já havia tentado negar essa sua descoberta tão fortes eram as conotações teológicas, em sua época, sobre a autoridade icônica do círculo; forma tida como natural e perfeita. Seus estudos modificaram o suporte

científico no qual se assentava todo o saber da época, fazendo aparecer um ponto de referência novo, em relação ao qual se vai situar, explicitamente ou não, toda a atividade simbólica. Nos apontamentos de Kepler, algo se descentra ou, melhor dizendo, desdobra o seu centro: “presentemente a figura matriz já não é o círculo, de centro único, luminoso, paternal, mas a elipse, que opõe a este foco visível um outro foco igualmente ativo, igualmente real, mas obturado, morto, noturno, centro cego, reverso do Yang germinador: ausente” (Sarduy, s. d., pp. 57-8).

Ainda especulando o inédito das descobertas de Kepler, discutidas com rigor pelo pesquisador cubano Severo Sarduy (s.d., p. 58), temos que “uma tal concepção encontra a sua margem, o seu Outro, o seu limite lógico, na ideia de infinitude, de não centrado, do que não tem nem lugar nem espessura precisos; ou seja, no que se tornará o próprio princípio da topologia barroca”.

E temos, na novidade das observações de Kepler, um desmoronamento de todos os alicerces dos pontos de vista hegemônicos da Igreja e das autoridades políticas, das ciências e das artes e de todo o pensamento ocidental. Rosa Egipcíaca não mostraria também uma sensibilidade que dizemos barroca? Em seu discurso profético não figura um cansaço da centralização dos dogmas do poder da Igreja e da dependência de uma metrópole impositiva de suas vontades sobre a colônia? Parece que as concepções da visionária indicam um desejo de conexões outras, de novas possibilidades de percepção do mundo, o que a impulsionou para o rol dos desviantes a serem esquecidos pela história oficial. Sua sensibilidade não é artística, nem científica ou política, mas, à sua maneira, transita pelas novas percepções desses campos todos em um enunciado mítico-religioso de traços barrocos. Não é à toa que seu biógrafo a chamou de Santa Barroca.

Mas, voltando a seguir no fio que desenvolve a complexa trama do enunciado profético de Rosa Egipcíaca, vislumbremos uma terceira parte de suas visões. Nessa parte a ex-escrava ganha definitivamente um papel importante nos acontecimentos que deverão se desenrolar

no futuro previsto em seu discurso. Ela acaba por se tornar atriz principal e competente para que se dê o começo da renovação do mundo ao sair navegando em busca da salvação da humanidade, que sofreria com o dilúvio.

E novamente surge a figura de Dom Sebastião. Dessa vez seu papel é o daquele que é o único que carrega a mesma competência que Deus teria atribuído à vidente em suas revelações, pois:

“Que haveria de sair Rosa com as quatro evangelistas [quatro irmãs que possuíam posição especial no Sacro Colégio da vidente], com o cajado e a cruz da piedade, para conquistar o mundo e que, para a reformação do século, já estavam feitas duas grandes naus: numa grande, viria Dom Sebastião, e na outra nau, chamada dos Cinco Corações, ia Rosa com suas acompanhantes (p. 566).

E quando “o dilúvio das Minas vier a dar ao mar salgado, derrubando todos esses montes e quando todos os mais rios se hão de soltar e o mar há de sair fora dos seus limites, ficando toda a cidade do Rio de Janeiro dentro de suas entranhas” (p. 572), o Recolhimento do Parto transformar-se-ia na “Arca dos Cinco Corações, começando a flutuar, possibilitando o encontro tão esperado com a nau de Dom Sebastião” (p. 572). E nesse encontro “Rosa ia se casar com Dom Sebastião, e suas evangelistas também se casariam com seus vassallos ou criados, voltando para reformar o mundo e formar o Império de Cristo” (p. 572).

A profecia em questão literalmente promove um roçar de nacionalidades diferentes, de séries culturais e religiosas heterogêneas, conseguindo montar um retrato do processo de mestiçagem que ocorria na colônia. Há claramente uma “forma em devir” (um ir sendo, um processo ou mutação) de uma “Paisagem”, de um espírito revelado pela natureza em ressonância com culturas heterogêneas reelaboradas, explodindo em uma singularidade do processo de formação americano, estabelecendo um sentido, uma visão histórica (Chiampi, 1988, p. 22) outra que não a etnocêntrica europeia da época.

Os sonhos visionário da Egipcíaca tratam da formação de um império mestiço baseado numa visão escatológica e apocalíptica judaico-cristã, que prevê o fim da ordem estabelecida pela lei secular, em benefício do nascimento de uma nova humanidade que compartilharia uma ordem misteriosa ainda por vir, sem mediação entre o Céu e a Terra. Sendo Dom Sebastião, e sua tripulação, de origem europeu-cristão ocidental (metrópole), e a Egipcíaca e suas três evangelistas negras, de tradições africanas em diálogo com a formação cultural da colônia, o encontro dessas duas diferenças, em uma situação de catástrofe, de destruição para o nascimento do novo, sugere a novidade americana calcada na mestiçagem.

Após a destruição de parte da humanidade concretizada por um dilúvio universal, ocorreria, segundo a profecia, o Juízo Final, no qual a nova vinda de Cristo se daria em sua encarnação na Terra, fruto da união entre a vidente e o rei Encantado Dom Sebastião. O rei Encoberto, que em sua origem mítica teria desaparecido em uma batalha contra “infiéis” mouros em Alcácer Quibir, também irá se entregar, na visionária novidade trazida por Rosa, aos sabores da mistura. Por conseguinte, o próprio Verbo Divino seria curiosamente um mestiço, produto da união e mescla de “raças”, culturas e tradições.

Desse modo, a nova leitura do Apocalipse praticada pela vidente vai de encontro e se choca, novamente, com a visão cristã ocidental acerca da parúsia, na qual ocorreria muito mais uma assepsia que uma mistura de material heterogêneo concretizada na figura maior do cristianismo, o próprio Jesus Cristo.

Estamos diante de procedimentos observados por Lezama Lima em sua obra *A Expressão Americana*. Particularidades de um ser que não é ainda, em mutação, apresentam-se como características processuais do devir americano. Lezama sugere que devem ser observados “traços, partículas, fragmentos de textos que são extraídos de uma totalidade [Dom Sebastião e toda a tradição judaico-cristão ocidental] – como numa tomada sinédóquica – para serem analogados com outros retalhos de uma outra totalidade

[Rosa Egipcíaca, seu entorno e suas leituras sobre a tradição judaico-cristã]” (Chiampi, 1988, p. 25). Como já revela a profecia de Rosa, Lezama, em seus estudos sobre a América, percebe que “tudo terá que ser reconstruído, invencionado de novo, e os velhos mitos, ao reaparecerem de novo, nos oferecerão seus conjuros e seus enigmas com um rosto desconhecido” (Chiampi, 1988, p. 29). Um rosto desconhecido como o de um Cristo mestiço, poderíamos acrescentar aqui.

Em Rosa, há a expectativa de um autêntico recomeço, posto que é uma forma que renasce e encontra espaço para movimentar desejos e permitir um devir da humanidade, sem se preocupar com hierarquias genealógicas, geográficas, culturais etc. A busca por uma identidade e o problema em ir atrás de uma origem do ser e da história não cabem num enunciado profético como o de Rosa, que se quer processual, em andamento, eterno movimento que se joga em uma “memória do futuro” sem conhecer o fim, o ponto máximo, mas sim o constante “sendo”, alavancado pela vontade de interagir no mundo através de conexões, da curiosidade barroca em processo, inacabada sempre.

Rosa se torna uma Senhora Barroca em seu espaço visionário, como diria Lezama. Traduz, em seu presente, um passado judaico-cristão ocidental, do qual participou, mesmo sendo escrava levada à colônia pela metrópole europeia. Ao ser liberta, não renega nem o escravizador nem sua condição passada de escrava, conseguindo prever o novo que se encerra na conjunção de raças e culturas, como se deu, em parte, na América. A Senhora Barroca “pinta” o que ainda, na sua época, não é tão claro, o que ainda, em seu tempo, escandaliza e atormenta. E, para a maior perturbação de tudo e de todos, a Senhora Barroca faz a construção de sua imagem extrapolar os limites da moldura do quadro; não pode finalizá-lo e o deixa inacabado para sua continuidade numa “memória do futuro”.

O enlace de Rosa e Dom Sebastião, nessa profecia, indica-nos como será tratada a figura do rei Desejado pela população da colônia. Já não estamos mais diante de um

mito símbolo do nacionalismo e patriotismo português, mas de um fenômeno cultural que é capaz, por possuir alguns traços de sua história combinados com concepções escatológicas que corriam pela colônia, de potencializar desejos de composição do novo homem que se forjava na colônia, capaz de, por si só, fazer entrar em ressonância condições sagradas e profanas.

Uma visão dessas estava fadada a sumir tão logo caísse em mãos aptas a manter tudo morno nas esferas que poderiam se incendiar facilmente em contato com uma faísca mais arrojada. Assim, é curioso sabermos que o último registro do processo de Rosa Egípcíaca é de 1767, segundo Luiz Mott. O autor afirma ainda que dos mais de um milheiro de processos que passaram por suas mãos, quando

esteve na Torre do Tombo, esse era o único inconcluso (Mott, 1993, p. 728). No Brasil não há nenhum documento que registre as peripécias da ex-escrava, ex-prostituta, mulher, vidente e tida como santa em sua época. Até mesmo o sacro colégio do Recolhimento de Nossa Senhora do Parto já não existe mais no Rio de Janeiro. Sua memória só é possível através do seu processo inquisitorial, que não se deu ao trabalho, e talvez propositadamente assim procedeu, de produzir um atestado de óbito para essa figura oportunamente resgatada pelo pesquisador Luiz Mott, que merece leitura de outros campos da pesquisa além do histórico, pois suas vibrações nos parecem ressoar e ter potência de agitar elaborações sobre o processo de deformação do Brasil e, em alguns aspectos, do mundo.

BIBLIOGRAFIA

- ÁVILA, Affonso. "A Ilustração de Textos nas Igrejas Barrocas Mineiras", in Affonso Ávila (org.). *Barroco, Teoria e Análise*. São Paulo/Minas Gerais, Perspectiva/Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997.
- CHIAMPI, Irlemar. "A História Tecida pela Imagem", in J. Lezama Lima. *A Expressão Americana*. São Paulo, Brasiliense, 1988
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995, v. 30.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso: os Motivos Edênicos e Colonização do Brasil*. São Paulo, Brasiliense/Publifolha, 2000.
- LACOSTE, Jean-Yves (dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. Tradução de Paulo Meneses et al. São Paulo, Paulinas/Edições Loyola, 2004.
- LANTERNARI, Vittorio. *As Religiões dos Oprimidos. Um Estudo dos Modernos Cultos Messiânicos*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- LEZAMA LIMA, José. *A Expressão Americana*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- MOTT, Luiz. *Rosa Egípcíaca: Uma Santa Africana no Brasil*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1993.
- SARDUY, Severo. *Barroco*. Lisboa, Vega, s/d.
- SCHOLEM, Gershom. *A Cabala e Seu Simbolismo*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2009.
- _____. *Sabatai Tzvi: O Messias Místico*. São Paulo, Perspectiva, 1995a, 3 v.
- _____. *As Grandes Correntes da Mística Judaica*. São Paulo, Perspectiva, 1995b.
- VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: Vidas de Santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: A "Literatura" Medieval*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.